TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO (TICS), CYBERBULLYING E PERTENCIMENTO CULTURAL

INFORMATION AND COMMUNICATION TECHNOLOGIES (ICTs), CYBERBULLYING AND CULTURAL PERFORMANCE

TECNOLOGÍAS DE LA INFORMACIÓN Y LA COMUNICACIÓN (TICS), CYBERBULLYING Y PERTENENCIA CULTURAL

Elaine M. Costa Fernandez¹
Sidclay Bezerra de Souza²

10.21665/2318-3888.v6n11p87-109

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar algumas questões transversais a quatro projetos de pesquisa desenvolvidos por membros de uma linha de pesquisa sobre os *Processos psicológicos nas migrações, Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) e interculturalidade* do Laboratório de Interação Social e Humana (LabInt) do PPG em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)³. Partindo das bases teóricas e epistemológica da psicologia intercultural, segundo as quais o sujeito é produto e produtor de cultura, os dois primeiros estudos visam compreender os aspectos interculturais do uso das TICs por adolescentes do Brasil, França e Vietnã enquanto que os dois outros analisam o risco de cyberbullying por adolescentes do Brasil, de Portugal e de Angola. De metodologia mista, os estudos apresentados associam métodos quantitativos e qualitativos. Os instrumentos de coleta dos dados foram devidamente adaptados transculturalmente. Dos resultados obtidos, espera-se identificar elementos que favoreçam a elaboração de programas de prevenção de riscos que levem em conta pertencimentos culturais diversos, através de relações pautadas em valores éticos, no respeito à diversidade e a promoção dos Direitos Humanos.

Palavras-chave: TICs. Pertencimento cultural. Psicologia intercultural. Adolescentes. Cyberbullying.

¹ Doutora em Psicologia (Universidade de Toulouse le Mirail). Professora Permanente do PPG em Psicologia/ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Email : elainef@free.fr

² Doutorado em Psicologia da Educação (Universidade de Lisboa) Professor colaborador do PPG em Psicologia/ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Email: ssouza@campus.ul.pt

³ Diretório de grupos de pesquisa do CNPq <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>

ABSTRACT

This article aims to present some cross - cutting issues of four research projects on the psychological processes in the migrations, Information and Communication Technologies and interculturality of the Laboratory of Human and Social Interaction (LabInt) of the Post Graduation Program in Psychology of Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). The project uses the theoretical and epistemological bases of intercultural psychology, according to which the subject is a product and producer of culture. The first two studies aim to understand the intercultural aspects of the use of ICTs by adolescents from Brazil, France and Vietnam, while the other two analyze the risk of cyberbullying by adolescents from Brazil, Portugal and Angola. The presented studies associate quantitative and qualitative methods - mixed methodology. The instruments of data collection were duly adapted transculturally. As a result, we hope to identify elements that contribute to the development of risk prevention programs that take into account diverse cultural properties, based on ethical values, respect for diversity and the promotion of Human Rights.

Keywords: ICTs. Cultural Belonging. Intercultural Psychology. Adolescents. Cyberbullying.

RESUMEN

Este artículo tiene el objetivo de presentar algunas cuestiones transversales a cuatro proyectos de investigación desarrollados por miembros de una línea de investigación sobre los "Procesos psicológicos en las migraciones, Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC) e interculturalidad" del Laboratorio de Interacción Social y Humana (LabInt) del PPG en Psicología de la Universidad Federal de Pernambuco (UFPE). A partir de las bases teóricas y epistemológicas de la psicología intercultural, según las cuales el sujeto es producto y productor de cultura, los dos primeros estudios pretenden comprender los aspectos interculturales del uso de las TIC por adolescentes de Brasil, Francia y Vietnam mientras que los otros dos analizan el riesgo de acoso cibernético entre los adolescentes en Brasil, Portugal y Angola. De metodología mixta, los estudios presentados asocian métodos cuantitativos y cualitativos. Los instrumentos de recolección de datos fueron adaptados transculturalmente. De los resultados obtenidos, se espera identificar elementos que favorezcan la elaboración de programas de prevención de riesgos que tengan en cuenta pertenencias culturales diversas, a través de relaciones pautadas en valores éticos, en el respeto a la diversidad y la promoción de los Derechos Humanos.

Palabras clave: TICs. Pertenencia Cultural. Psicología Intercultural. Adolescentes. Cyberbullying.

Introdução

Partindo de questionamentos éticos, do conceito da cibercultura (VIROLE; RADILLO, 2010) e da hipótese de que as “novas” Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) induzem alterações profundas no estilo de vida e nas relações sociais dos seus usuários (TISSERON, 2008), um colóquio de pesquisa foi oferecido a alunos do programa de pós-graduação em psicologia da UFPE em 2012 com o objetivo de compreender a subjetividade e a socialização na era das redes sociais tanto na avaliação dos desvios provocados por uma prática excessiva, adições e dependências, quanto no acompanhamento terapêutico, numa dinâmica preventiva e curativa. Nesta época uma disciplina eletiva focada no impacto das TICs nos processos de subjetivação e de socialização foi proposta aos alunos do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em torno de três eixos temáticos pré-definidos:

1. O primeiro visava discutir as interações sociais virtuais, ou seja, as diferentes possibilidades de comunicação social dos usuários via Web assim como os riscos atrelados ao uso das TICs nas relações com o outro. Visava-se analisar a difusão das TICs nos diversos campos da atividade humana. Foram abordadas questões teóricas e metodológicas relacionadas ao impacto das “novas” tecnologias sobre os processos psicológicos de subjetivação e as interações sociais;
2. O segundo eixo visava os desafios das TICs nos programas de análise, compreensão, coordenação e intervenção psicológica na contemporaneidade, quer dizer, uma era marcada hegemonicamente pela comunicação virtual e a globalização. Visava-se compreender os princípios de visibilidade da subjetividade e de publicização de si desenvolvidos na era das redes sociais, a produção de diferentes modos de sociabilidade e de subjetivação na era digital;
3. Finalmente, o terceiro eixo focava as situações de migração, deslocamentos e mobilidades, interrogando a possibilidade das TICs e do ciberespaço de promoverem a diversidade cultural e os direitos humanos. Visava-se compreender a ética e os novos conceitos da ciberpsicologia; interrogar as

mudanças na dinâmica migratória e deslocamentos das «*novas*» tecnologias digitais.

Mais recentemente foi criada uma linha de pesquisa *Processos psicológicos nas migrações, Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) e interculturalidade*⁴ reunindo um grupo de pesquisadores em psicologia que se interessam aos processos psicológicos, tanto intrapsíquicos quanto interpessoais, e às estratégias identitárias individuais e coletivas nas migrações e/ou em situações de contato de culturas. Objetiva-se apreender os modos de expressão e de superação de conflitos provocados pelas rupturas de contextos assim como avaliar o papel exercido pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), associadas ao desenvolvimento da Internet e do ciberespaço, nos rearranjos identitários, na promoção da cidadania, da diversidade cultural e dos Direitos Humanos. Visa-se assim contribuir à compreensão das especificidades, desafios e repercussões destes símbolos hegemônicos da contemporaneidade na subjetivação e interação social de seus usuários. São igualmente exploradas as modalidades de interculturação e de criação identitária face ao sofrimento psíquico e aos cuidados aferentes. As análises são feitas com sujeitos em diferentes idades da vida, diásporas, na sociedade de origem e/ou na sociedade de acolhimento. Tem-se como referência epistemológica os paradigmas da perspectiva intercultural, segundo a qual o sujeito se individualiza no contato do sistema cultural que ele contribui a constituir, com ênfase no cruzamento de olhares e na triangulação metodológica.

A nível teórico, considera-se que o sujeito pós-moderno é marcado pelo atravessamento onipresente das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). Fruto da globalização, estas novas práticas sociais abrem pistas e interrogações paradoxais. Se, por um lado, elas introduzem o virtual como veículo de comunhão e de descentração do saber (SERRES, 1980), de democratização (BEN JELLOUN, 2011), por outro lado elas correm o risco de legitimar novos hegemonismos (COSTA FERNANDEZ; LESCARRET, 2012), tornando-se o símbolo de uma realidade única, de um pensamento uniformizado (HAGEGE, 2012), deixando de lado valores fundamentais como a diversidade cultural,

⁴ Coordenado pela Professora Doutora Elaine Magalhães Costa Fernandez.

o pluralismo e por consequência a singularidade (COSTA FERNANDEZ, 2016). Que seja criando novos vínculos sociais (LÉVY, 1997), na relação do sujeito com a alteridade e a diversidade cultural, ou nos processos de subjetivação (GUATTARI; ROLNIK, 1996), determinando novos modelos de representações, identificações, identidades (BAUDRILLARD, 1993), o impacto das TICs nos processos psíquicos tornou-se um campo de estudo privilegiado, interface entre o social e o clínico (BRANDÃO, 1994; MORAIS, 1992).

Desta forma, o presente artigo tem o objetivo de apresentar alguns resultados de estudos que foram desenvolvidos no âmbito desta linha de pesquisa. Pretende-se ainda, discorrer sobre um dos fenômenos sociais advindos com a evolução constante das TICs e que tem preocupado a sociedade de um modo geral e não só os investigadores, o cyberbullying. Iniciaremos com a apresentação dos resultados obtidos numa pesquisa exploratória sobre o impacto das TICs nos processos de subjetivação e de socialização de adolescentes do Recife (Brasil). Este projeto deu origem a uma pesquisa internacional sobre o uso das TICs na França e no Vietnã. Em seguida serão apresentados definições e conceitos que distinguem o bullying presencial do virtual. Estes estudos serviram de base para um projeto de pesquisa sobre a violência virtual no Brasil e em Portugal. No prosseguimento dos resultados obtidos, apresentaremos o desenho de um projeto de pesquisa em andamento ampliando a população estudada a dois países lusófonos (Brasil e Angola). Em conclusão, considerando a internet um novo espaço de sociabilidade e construção de subjetividades, visa-se identificar especificidades atreladas aos pertencimentos culturais dos jovens usuários das TICs e em particular às situações de cyberbullying. Espera-se assim, numa perspectiva intercultural, contribuir com a busca de soluções locais para problemas globais.

1. O uso das TICS por adolescentes do Brasil, França e Vietnã

Debates sobre o uso (e abuso) das “novas” Tecnologias da Informação e da Comunicação, particularmente as redes sociais virtuais (R.S.) e os jogos digitais em rede

(J.D.) por adolescentes, deram origem a um primeiro projeto de pesquisa intitulado *Impacto do uso intensivo da Internet nos processos de subjetivação e de socialização de adolescentes entre 13 e 18 anos na cidade do Recife*⁵ Os resultados foram publicados e serviram de base para novos projetos de pesquisa (COSTA FERNANDEZ, et al 2012; 2013a e 2013b). A nível da graduação, ressalva-se a elaboração do projeto de iniciação científica (PIBIC): *Implicações do acesso às redes sociais no dialogo familiar. Estudo exploratório*⁶ de Gilberto Apolônio de Souza Junior e a nível da pós-graduação ao projeto de mestrado *Distúrbios de comportamento e uso excessivo de jogos digitais off-line por crianças: Patologia ou novas formas de subjetivação?* de Maysa Marianne Silva Bezerra.

O objetivo geral deste projeto “guarda-chuva” realizado entre 2012 e 2014 consistiu em analisar as modalidades e o impacto do uso de redes sociais virtuais (R.S.) e de jogos digitais em rede (J.D.) nos processos de subjetivação e de socialização de adolescentes na cidade do Recife (PE). Na primeira fase do estudo, um questionário foi proposto a alunos voluntários do fundamental II e do ensino médio do Colégio Visão/Recife com o objetivo de fazer um levantamento quantitativo da frequência do uso de jogos digitais em rede e de redes sociais virtuais, tanto no meio familiar quanto em Lan House e em comunidades virtuais. Buscou-se também identificar as modalidades de interações entre as TICs e os membros da família. No final desta etapa, uma conferência foi organizada no Colégio Visão visando a divulgação dos resultados junto aos alunos, professores e responsáveis. Na segunda fase do estudo, de tipo qualitativo, foram investigados, através de grupos focais, comportamentos e discursos de adolescentes voluntários selecionados entre os participantes.

De um modo geral, os resultados dos estudos de Costa Fernandez et al (2012, 2013a e 2013b) vão ao encontro do estudo conduzido por Barbosa et al (2013), segundo o qual a utilização das TICs feita por adolescentes brasileiros, com idades entre os 9 aos 16 anos, acontece maioritariamente em casa (60%) e no contexto escolar (42%). Notou-se

⁵ CAAE : 03673712.0.0000.5208 Coordenado pela Professora Doutora Elaine Magalhães Costa Fernandez.

⁶ CAAE : 52969415.7.0000.5208.

também que a maioria dos participantes (69%) se conectam à *internet* através de *notebooks*, que 60% dos jovens preferiram o uso de *smartphones*, de computador fixo pessoal (55%), *tablets* (28%) e *I-pads* (26%) para se conectarem à *internet*. Paralelamente, verificou-se uma baixa frequência de comunicação com desconhecidos e o fato dos adolescentes terem medo das relações por *internet* (em particular nas redes sociais), bem como do encontro com pessoas que conheceu pela *internet*. Os dados obtidos revelam que somente uma pequena minoria (10%) tem o hábito de se comunicar com desconhecidos nas redes sociais, 59 % dos jovens responderam nunca terem medo das relações por *internet* e 8% dos participantes afirmaram marcar encontro com pessoas que conheceram na web às vezes ou quase sempre.

Os resultados dos estudos de Barbosa et al (2013) e de Costa-Fernandez et al (2013b) são relevantes por permitirem uma visão ampla da forma atual de acesso à *internet* feita pelos jovens no Brasil e, especificamente, na cidade do Recife. Nota-se então que, os adolescentes através da utilização das TICs, participam de uma variedade de atividades tais como entretenimento, educação, informação e comunicação (LIVINGSTONE; ÓLAFSSON; STAKSRUD, 2011). Vale ressaltar que estes estudos ilustram de que maneira as TICs e a *internet* tornaram-se veículos de expressão da individualidade e produtores de subjetividade em uma sociedade em que “encontros” virtuais são marcados pela ausência do corpo e a distância física, fazendo emergir novos modos de subjetivação e de interações sociais. Destes resultados pretende-se levantar indicadores que permitam a construção de métodos de prevenção de riscos e de tratamento adaptados às realidades socioculturais dos sujeitos, contribuindo assim à definição de um novo modelo da subjetividade contemporânea.

No prosseguimento deste estudo, o projeto de pesquisa internacional “*Aspectos interculturais do impacto do acesso a redes sociais e jogos em rede nos processos de socialização e de subjetivação de adolescentes na França e no Brasil. Entre globalização e pertencimento cultural*”⁷ foi realizado com apoio da FACEPE entre 2015 e 2017 no Colégio Verde em Aignan no sudoeste na França e ampliado ao colégio Thai Thinh situado em Hanoi, capital da República Socialista do Vietnã. Trata-se de um estudo

7 CAAE: 45627815.4.0000.5208; Fonte financiadora: FACEPE (Edital APG Facepe 20/2014); Processo N.º APQ-0882-7.07/15

comparativo entre os resultados da pesquisa realizada com adolescentes do ensino fundamental II nas cidades do Recife/BR, de Aignan/FR e de Hanoi/VN. Partimos da hipótese, numa perspectiva intercultural, de que apesar de símbolo hegemônico da globalização, a apropriação feita pelos adolescentes das “Novas” Tecnologias da Informação e da Comunicação é função de seus múltiplos pertencimentos culturais.

Este estudo deu origem ao projeto de iniciação científica *Estudo comparativo do impacto do acesso às redes sociais virtuais na formação de novos vínculos entre jovens de Recife/BR, de Aignan/FR e de Hanoi/VN*⁸ de Mariana Miranda Dias e ao projeto de pós-doutorado *Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) nas migrações, redes sociais virtuais e interculturalização*⁹.

O seu objetivo geral consistiu em compreender a parte do contexto e do pertencimento cultural no estabelecimento de vínculos entre os usuários e as “novas” tecnologias, de maneira a contribuir à definição de métodos de prevenção de riscos mais adaptados à realidade dos jovens e de seus familiares. Visava-se assim levantar indicadores culturais e interculturais para a construção de métodos de tratamento adaptados às realidades socioculturais dos sujeitos e baseados na consciência crítica dos riscos e dos potenciais desenvolvidos pelas novas práticas sociais, na informação aos pais sobre o conteúdo dos jogos digitais em rede e no acompanhamento participativo das atividades dos adolescentes por parte dos pais.

A literatura, de um modo geral, tem revelado que a comunicação *online* apresenta efeitos diversos sobre o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes. Alguns estudos pretendem que a possibilidade de uma maior interação social constitui um benefício que decorre da utilização das TICs e que se associa ao bem-estar dos adolescentes (COSTA FERNANDEZ et al 2013a, 2016). Em contrapartida, outros estudos revelam que a forma como os adolescentes utilizam a *internet* e os recursos tecnológicos acabam por apresentar consequências negativas ao longo do desenvolvimento dos mesmos (WRIGHT, 2017). No âmbito destas consequências negativas, salientam-se os

⁸ CAAE: 67184417.0.0000.5208

⁹ CAAE : 88864718.7.0000.5208 de Elaine Magalhães Costa Fernandez sob a supervisão de Patrick Denoux, da Université de Toulouse Jean Jaurès.

comportamentos aditivos em relação ao uso da *internet* (PARK; KIM; CHO, 2008), como ainda o envolvimento em situações de *cyberbullying*. Ou seja, a literatura científica tem revelado que o uso da *internet*, especificamente a comunicação em rede ou on-line, aumenta a probabilidade de vitimização dos adolescentes no contexto virtual, nomeadamente as situações de cyberbullying.

2. Do Bullying ao Cyberbullying: definições, comportamentos e consequências

Entre os estudos em andamento nesta linha de pesquisa, encontram-se aqueles que procuram compreender as especificidades do fenómeno de bullying entre adolescentes em contexto virtual em relação ao mesmo fenómeno em contexto presencial. Sabe-se que a violência no contexto educativo presencial é uma das principais causas do mal-estar vivido por diversos de seus atores, apresentando-se como um dos problemas atuais da educação contemporânea (SOUZA; VEIGA SIMÃO; CAETANO, 2014). Este fenómeno põe em causa o bem-estar e o respeito pelos Direitos Humanos de todos os membros da comunidade escolar (FREIRE; VEIGA SIMÃO; FERREIRA, 2006), o que exige da sociedade uma análise aprofundada, atitudes objetivas e responsáveis no combate às suas manifestações (WAISELFISZ, 2003).

Como uma prática encontrada em todas os contextos culturais, o bullying pode ser considerado uma das facetas da violência nas escolas, cujos estudos tiveram início por Dan Olweus, na Universidade de Bergen – Noruega com a obra *Aggression in the Schools: Bullies and Whipping Boys* (1978). Autores como Olweus (1993) e Riebel, Jäger e Fischer (2009), referem algumas características que definem um comportamento de *bullying* e que o distingue de outros tipos de violência, destacando-se três aspectos importantes: *a)* a intenção de magoar a vítima seja física, psicológica ou socialmente; *b)* a repetição, ou seja, os comportamentos agressivos repetem-se ao longo do tempo; e *c)* o desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima, uma vez que o agressor pode ser mais forte física, mental ou socialmente que a vítima. Tais características fazem com que a vítima se sinta incapaz de se defender, resultando em sentimentos de desespero por

sua parte (OLWEUS, 1993; SMITH, BRAIN, 2000). A incapacidade de defesa por parte da vítima prende-se a uma ou mais razões, tais como: estar em menor número, ser menor ou menos forte fisicamente, ou ser psicologicamente menos resistente do que a(s) pessoa(s) que praticam o bullying (SMITH; BRAIN, 2000). Segundo Pinto e Branco (2011), um dos aspectos observados nas situações de bullying é a falta de empatia da criança agressora com a vítima. Nestes casos, a criança agressora sente mais prazer em rir do outro (agredindo-o física ou psicologicamente) do que se sensibiliza com seus eventuais sofrimentos. Não seria então o meio virtual, o cyberspaço, marcado pela ausência dos corpos e pela baixa empatia dos atores nos encontros, um meio privilegiado de bullying?

A literatura tem apontado um conjunto de comportamentos frequentes nestas situações, dentre os quais: bater, ameaçar, estragar objetos, extorquir dinheiro, insultar, chamar nomes, gozar, chamar nomes, excluir, espalhar boatos, etc (MARTINS, 2005). Olweus (1993) os classifica em três tipos de bullying: o físico, o verbal e o relacional. Para o autor, existe uma distinção entre estes comportamentos, salientando dois tipos de bullying: o direto (agressão direta) e o indireto (agressão indireta). O primeiro refere-se ao bullying físico e verbal e o segundo diz respeito ao bullying relacional ou psicológico (BERAN; LI, 2007). No entanto, independente da sua tipologia, conforme salientado pelo pesquisador, o bullying representa a canalização de tendências motivacionais perversas e irracionais de exclusão sobre uma pessoa ou grupo estigmatizado (PINTO; BRANCO, 2011).

Quanto às consequências do bullying para as vítimas, a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* - UNESCO (2017), salienta que ao serem intimidadas, as vítimas são mais propensas a apresentarem dificuldades interpessoais, comportamentos depressivos, sentimentos de solidão, ansiedade, baixa autoestima e propensão a pensamentos ou tentativas de suicídio (HINDUJA; PATCHIN, 2010). Este fenômeno também terá impactos na saúde mental e emocional dos agressores e dos observadores.

Simultaneamente, as repercussões do bullying em suas variadas formas têm colocado em xeque o conceito e a função das escolas, enquanto espaço propiciador da

aprendizagem, como também da construção de vínculos e afetos (SOUZA; VEIGA SIMÃO; CAETANO, 2014). Nota-se a urgência de mudanças no paradigma educacional (PINTO; BRANCO, 2011), de maneira que os profissionais estejam devidamente capacitados para lidar com o fenômeno e prevenir sua ocorrência entre os alunos.

Estudos apontam que a proporção de vítimas de bullying direto tende a diminuir com o aumento dos níveis de escolaridade, enquanto que a frequência de vítimas de bullying indireto aumenta com a entrada progressiva na adolescência (RASKAUSKAS; STOLTZ, 2007). Paralelamente, com o avanço constante das TICs e a crescente utilização feita pelos adolescentes dos diversos recursos tecnológicos, começou a haver uma suposta "migração" do bullying presencial para o bullying virtual ou cyberbullying.

A compreensão do cyberbullying tem por base, em grande parte, a definição de bullying presencial, uma vez que se refere a comportamentos agressivos ou ações negativas praticadas com o intuito de infligir dano ou sofrimento emocional sobre os outros (MASCARENHAS; MARTINEZ, 2012) através de um comportamento hostil (ORTEGA et al, 2012). Porém, o cyberbullying é definido como a prática de atos cruéis, intencionais, deliberados e repetidos, cometidos por um indivíduo ou um grupo de indivíduos, dirigidos a pares, através de mensagens prejudiciais ou outras formas de agressão social, por meio de vários recursos tecnológicos (HINDUJA; PATCHIN, 2007).

Para a definição do cyberbullying diversos autores adotam alguns critérios estabelecidos por Olweus (1993), tais como a intenção de causar dano, a repetição do assédio ao longo do tempo e o desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima. Entretanto, com o avanço das investigações na área do cyberbullying, alguns aspectos desta operacionalização ainda estão em debate (SLONJE; SMITH; FRISÉN, 2012a). Se o critério da intencionalidade permanece relativamente consensual, os critérios que remetem tanto à repetição do assédio quanto ao desequilíbrio de poder entre agressor e vítima são mais complexos tornando sua aplicabilidade ao ciberespaço mais polêmica.

A repetição do assédio no âmbito do cyberbullying é algo complexo, uma vez que um ato desta natureza pode ser repetido pelo(s) mesmo(s) agressor(es), como também poderá ser vivido pelas vítimas e/ou compartilhado pelos observadores inúmeras vezes. O que poderá se constituir uma experiência ainda mais presente na vida dos envolvidos e

sobretudo das vítimas devido ao grande alcance da tecnologia. Por exemplo, num estudo piloto desenvolvido por Slonje, Smith e Frisén (2012b) com 789 estudantes suecos sobre o processo de propagação do material de utilizado na vitimização e o papel dos observadores, verificou-se que 39% dos agressores mostraram “muitas vezes” o material a outras pessoas e 16% fizeram postagens na *internet* para que outras pessoas o vissem. Relativamente aos observadores, embora uma maior percentagem tenha reportado não ter feito nada (72% dos casos), 13% dos observadores mostraram à vítima o que havia acontecido, 6% usaram o conteúdo a fim de intimidar ainda mais a vítima e 9% dos observadores encaminharam o material a outros amigos.

Já o critério do desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima é outro aspecto importante a considerar na operacionalização do construto do cyberbullying, uma vez que não se trata de poder físico, mas de fato, um poder psicológico que se concretiza na maioria das vezes graças à competência tecnológica do agressor e do seu anonimato (SLONJE; SMITH; FRISEN, 2012b). Segundo Hinduja e Patchin (2007), se a força ou estatura física proporciona uma sensação de segurança ao agressor no bullying presencial, tal segurança poderá ser sentida pelo agressor no cyberbullying como fruto do anonimato, impossibilitando desta forma, a identificação do agressor por parte da vítima e aumentando, conseqüentemente, o seu sofrimento, frustração e sentimento de impotência (DOOLEY; PYZALSKI; CROSS, 2009). Para além disto, no cyberbullying é possível que o agressor mantenha o anonimato, o que os leva a terem menos ou nenhuma consciência das conseqüências do fenomenos sobre as vítimas (HINDUJA; PATCHIN, 2010; SLONJE; SMITH, 2008).

Willard (2007) propõe sete categorias relevantes para uma melhor compreensão e identificação do cyberbullying : a) o envio de mensagens vulgares ou que mostram hostilidade em relação a uma pessoa; b) envio repetido de mensagens ofensivas via e-mail ou SMS a uma pessoa; c) agressão *online* que inclui ameaças de dano ou intimidação excessiva; d) envio de mensagens a outras pessoas ou postagem de comentários em ambiente digitais de caráter prejudicial, com informações falsas e afirmações cruéis sobre uma pessoa; e) fazer-se passar pela vítima e enviar ou postar arquivos de texto, vídeo ou imagem que a difame; f) envio ou postagem de material

sobre uma pessoa contendo informação sensível, privada ou constrangedora, incluídas respostas de mensagens privadas ou imagens; e *g*) a expulsão de algum indivíduo de um grupo *online*.

No entanto os estudos de Francisco et al. (2015), bem como o estudo de Souza (2016) incluem outros comportamentos além dos descritos por Willard (2007): *a*) ameaçar; *b*) assediar com conteúdos de caráter sexual; *c*) espalhar boatos sobre a vida de outro(s); *d*) passar-se por outra pessoa; *e*) zombar/gozar ; *f*) insultar; *g*) mostrar que possui informação que pode afetar o bem-estar psicológico; *h*) revelar dados sobre a vida privada; *i*) usar a imagem de alguém sem autorização. Dentre estes comportamentos, os que são identificados com maior frequência no estudo de Souza (2016) são : zombar/gozar, o insultar e o espalhar boatos, verificando assim, uma similaridade com os comportamentos do bullying presencial. O que nos faz concordar com Tognetta e Bozza (2012), ao referir que os padrões éticos e morais com os quais o sujeito usuário da *internet* trata suas relações no mundo virtual é uma extensão dos moldes de seus comportamentos na vida real. Considerando as características específicas do bullying presencial e do bullying virtual, também chamado de cyberbullying, bem como outras peculiaridades de cada um dos fenômenos, buscamos sintetizar suas especificidades na Tabela 1.

TABELA 1 – Especificidades do *Bullying* e *Cyberbullying*

Características	Especificidades	
	Bullying	Cyberbullying
Intencionalidade	Os agressores agem deliberadamente e de forma presencial: atos espontâneos ou ocasionais não são considerados casos de bullying.	O agressor tem deliberadamente a intenção de magoar ou atormentar a vítima através uma TIC conectada à internet para que uma situação possa ser descrita como um caso de cyberbullying.
Repetição	Para considerarmos um comportamento como bullying, ele não pode ser esporádico. Ao contrário, deve ocorrer persistentemente, durante um período de tempo. Uma agressão ou assédio que ocorra só uma vez, não é um exemplo de bullying.	A repetição pode ser quantificada em função do número de vezes que uma certa imagem ou vídeo são colocados online ou são vistos por uma ou mais pessoas.
Desequilíbrio de Poder	Existe um desequilíbrio de poder, real ou imaginário, entre a vítima e o agressor, quer seja na agressão física quer na psicológica	O cyberbullying também implica um desequilíbrio, mas neste caso pode ser agravado pelo nível de conhecimento informático dos protagonistas.
Número de Observadores	Normalmente, os episódios de bullying são do conhecimento de um número relativamente restrito de pessoas.	Este tipo de abuso pode ter duas formas: ações abertas ao público, tais como denegrir uma pessoa numa rede social, num fórum de discussão, num blog ou em ações privativas como e-mails, Whatsapp, etc...
Anonimato	Geralmente, a vítima conhece o seu agressor. Apenas em algumas estratégias de bullying presencial, como no caso da divulgação de rumores, pode o agressor manter-se anônimo.	Alguns agressores são capazes de esconder sua verdadeira identidade graças aos seus conhecimentos e recursos tecnológicos. Eles podem também utilizar fakes ou falsas identidades
Espaço e tempo	No bullying presencial, na maioria das vezes, as vítimas estão sujeitas ao abuso apenas durante as horas da escola ou no caminho entre a escola e a casa.	O cyberbullying pode ocorrer a qualquer momento e a qualquer hora do dia ou da noite, o que torna o assédio ainda mais invasivo.

Fonte: Os autores.

3. O fenômeno de cyberbullying em jovens lusófonos de Lisboa e Recife

O cyberbullying tornou-se um problema social grave a nível mundial. Embora se verifique a existência de alguns estudos em cada um dos contextos de forma isolada, as investigações sobre esta temática envolvendo os países de língua portuguesa (sobretudo, Brasil e Angola) ainda são incipientes e carecem de um maior aprofundamento científico e teórico. Por exemplo, no estudo de Vieira e colaboradores (2016) com um total de 3525 adolescentes portugueses, a frequência encontrada foi de 7,6% para as vítimas e 3,9% que declararam ter sido vítimas e agressores de cyberbullying no ano anterior. Já no estudo de Mallmann, Lisboa e Calza (2018) o qual concluiu que dos 273 adolescentes brasileiros, 10.3% foram agressores, 12.5% foram vítimas e 35.2% foram vítimas-agressores de cyberbullying. Relativamente ao contexto de Luanda, parece haver pouca investigação levada a cabo sobre a temática com resultados específicos desta população (MARQUES; PINTO; ALVAREZ, 2016; SMIT, 2015; ODORA, MATOTI, 2015). Tal fato, nos permite referir que alguns investigadores começam a se dedicar a este fenômeno com adolescentes lusófonos. De um modo geral, estes resultados, apontam para a necessidade de uma ação interventiva sistemática, onde todos se sintam investidos de uma responsabilidade ética para intervir e apoiar os que precisam (SOUZA; VEIGA SIMÃO; CAETANO, 2014).

Na perspectiva da psicologia intercultural, a pesquisa realizada por Souza (2016) intitulada *Cyberbullying: a violência virtu@l conectada ao mundo real dos estudantes em contextos universitários do Brasil e Portugal*¹⁰ chegou às seguintes conclusões: dos 1340 estudantes que participaram do estudo (44.18% eram brasileiros e 55.8% portugueses), foi possível verificar que 44.6% dos estudantes universitários brasileiros e 43.04% dos universitários portugueses se disseram vítimas, 20.8% dos estudantes universitários do Brasil e 12.6% dos estudantes universitários de Portugal admitem terem sido agressores, 48.8% universitários brasileiros e 44.6% dos universitários portugueses foram observadores das vítimas e 25.2% dos estudantes universitários brasileiros e

¹⁰ Realizada por Sidclay Bezerra de Souza com Bolsa da CAPES pelo Programa de Doutorado Pleno no Exterior (BEX 1710/13-3) e orientada pela Professora Doutora Ana Margarida Veiga Simão da Universidade de Lisboa, FPUL, Portugal (2016).

19.5% dos estudantes universitários portugueses foram observadores dos agressores de cyberbullying. Em ambos os países, para os quatro tipos de envolvimento, a maior percentagem centrou-se no gênero feminino, com idade menor ou igual aos 20 anos, estudantes do 1.º ano do ensino superior da área de Ciências Sociais e Humanidades, exceto os agressores do Brasil, aonde a maior percentagem verificada centrou-se no 2.º ano do ensino superior. Estes resultados vêm complementar outros estudos que verificaram que uma quantidade substancial de estudantes já vivenciou situações de cyberbullying (DOANE; PEARSON; KELLEY, 2014). Concomitantemente, outra conclusão do estudo de Souza (2016) vai ao encontro do que refere Markus e Kitayama (1991) no que diz respeito às implicações da questão cultural nas experiências individuais de cada sujeito, como ainda na forma como as relações sociais são estabelecidas.

Embora se consiga ter um breve panorama do cyberbullying entre os estudantes dos países lusófonos a partir dos estudos aqui referidos, até onde sabemos, não existe nenhuma investigação que permita obter uma visão clara de como os estudantes destes países têm experienciado o fenômeno do cyberbullying. Neste sentido, acreditamos que os investigadores destes contextos culturais possam somar esforços com o objetivo de compartilharem uma visão geral do problema e suas implicações na vida dos estudantes. O que poderá culminar em futuros projetos de colaboração internacional que permitam criar em conjunto de ações e estratégias que tenham como ponto de partida a situação de cada contexto e que possa abrir espaço para um diálogo com a sociedade de modo que a mesma se sinta responsável para atuar diante destes episódios com responsabilidade e compromisso.

4. Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs) e experiências de cyberbullying em adolescentes do Brasil e de Angola

Visto a ausência de estudos sobre o uso das TICs e as experiências de cyberbullying que envolvam os estudantes do Brasil e da Angola, surgiu a proposta do projeto *"Uso das*

Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs) e experiências de cyberbullying em adolescentes do Brasil e de Angola”. Este projeto de pesquisa internacional, no prosseguimento dos estudos anteriores, objetiva compreender o uso das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TICs) por adolescentes do ensino fundamental II e do ensino médio do Brasil e de Angola, bem como seus possíveis envolvimento em situações de cyberbullying. Visa-se assim, contribuir aos estudos desta linha de pesquisa visando a elaboração de métodos de prevenção de riscos e de intervenção em situações de cyberbullying que levem em conta os pertencimentos culturais dos participantes. Neste caso, visa-se agora adolescentes de língua materna portuguesa originários do Brasil e de Angola.

O desenho da pesquisa foi fixado a partir das seguintes metas: a) Identificar as modalidades de uso das TICs por adolescentes do ensino fundamental II e do ensino médio do Recife/Brasil e de Luanda/Angola; b) Descrever as experiências de cyberbullying, seja no papel de agressor, vítima e/ou observador dos participantes; c) Analisar as convergências e divergências entre as modalidades de envolvimento às situações de cyberbullying dos participantes em função dos seus pertencimentos culturais; d) Compreender a influência da variável “pertencimento cultural” nas situações de cyberbullying.

Baseado numa triangulação metodológica, o estudo será composto de uma primeira fase quantitativa (questionário de autopreenchimento on-line) e uma segunda fase qualitativa (entrevistas semiestruturadas individuais). A primeira fase quantitativa se caracteriza pela pré-estruturação máxima, questionário padronizado e um grande número de casos. A observação será extensiva e a análise de dados agregados. O estudo será descritivo e comparativo pois busca definir tendências e generalizações. Já a segunda fase (qualitativa), visa o estudo de casos exemplares e a compreensão dos significados culturais. Ela se caracteriza pela pré-estruturação mínima, entrevistas semiestruturadas com participantes voluntários, número reduzido de casos. A observação será intensiva e privilegiará procedimentos que buscam uma maior compreensão do estudo realizado na 1.^a fase.

Pretende-se, ao longo da investigação, obter a participação aleatória e heterogênea de

aproximadamente 600 adolescentes do ensino fundamental II (entre 12 e 15 anos incompletos) e do ensino médio (entre 15 e 18 anos incompletos) de escolas de ambos os países estudados (300 no Recife/Brasil e 300 em Luanda/Angola). Já na segunda fase (qualitativa), prevê-se a participação de um número reduzido de participantes, ou seja, 30 adolescentes no Brasil e 30 adolescentes em Angola. Foram selecionados como critérios de inclusão na primeira fase do estudo (quantitativa), o fato dos participantes estarem devidamente matriculados nas instituições onde a pesquisa será desenvolvida e estarem cursando o ensino fundamental II (entre 12 e 15 anos incompletos) e o ensino médio (entre 15 e 18 anos incompletos). Os jovens que participarão na segunda fase da pesquisa (abordagem qualitativa) serão selecionados em função da análise das respostas ao questionário, atendendo aos seguintes critérios: uso frequente das TICs e envolvimento em situações de cyberbullying. Quanto aos critérios de exclusão: serão excluídos os sujeitos que não estiverem devidamente matriculados nas instituições que apresentarem cartas de anuência e/ou que não responderem aos critérios de inclusão.

Considerações finais

Tornou-se uma evidência que crianças e adolescentes de todos os continentes fazem parte da geração digital e usam as redes sociais virtuais e os jogos digitais em rede cada vez mais em idades precoces. Estudos recentes apontam para diferenças relevantes entre os “nativos” e os “migrantes” digitais, quer dizer, os que nasceram num mundo analógico e se “aculturaram” ao mundo digital, enfrentando rupturas e ultrapassando fronteiras da maior “mutação antropológica” das últimas décadas. Os resultados obtidos nos estudos realizados pelos membros da linha de pesquisa *Processos psicológicos nas migrações, Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) e interculturalidade* contribuem à compreensão das repercussões das ditas “novas” tecnologias, instrumentos de conexão à internet, veículos da cibercultura, nos comportamentos, modificando hábitos, valores e normas desde a infância. A originalidade, no entanto, destas pesquisas consiste na confirmação de que o uso e a apropriação feita pelos usuários destes instrumentos é função de seus pertencimentos culturais. Como toda nova apropriação cultural, ela

dependera do(s) referencial(s) cultural(is) de origem, tanto na sua pluralidade quanto nas suas especificidades.

Nestes estudos, o nível de escolaridade se revelou mais significativo para a determinação de categorias associadas ao uso da internet que a idade cronológica, o que parece indicar que as modalidades e as frequências destas práticas sociais estão mais atreladas à maturidade do jovem do que ao nível de desenvolvimento biológico dos adolescentes. Nossos resultados confirmam então a hipótese de que a internet é um novo espaço de sociabilidade e construção de subjetividades. Redes sociais virtuais e comunidades online ignoram a proximidade física ou temporal, ilustrando a natureza líquida das relações pós-modernas. As relações sociais virtuais podem criar vínculos sem a mesma convivência física e espacial de outras gerações. Na parte qualitativa das pesquisas, os participantes questionaram o uso intensivo de jogos digitais em rede, as associações positivas ou negativas relacionadas ao desempenho escolar e os principais riscos, demonstrado consciência e muito bom senso. Como precisa o Manual de Orientação da Sociedade de Pediatria (SBP) n.º 1 de outubro 2016, alguns pais, também nativos digitais, não percebem as mudanças ou problemas que vão surgindo, como se tudo já fosse parte da rotina familiar. A recente Lei n.º 12.965 de 2014 – O Marco Civil da Internet em seu artigo 29 – explica a necessidade do controle e vigilância parental e a educação digital, como formas de proteção frente às mudanças tecnológicas, em especial sobre os impactos provocados nas famílias e especificamente nas rotinas e vivências das crianças e dos adolescentes.

Paralelamente, a problemática do *cyberbullying* tem sido objeto de estudo e preocupação em diversos países (tendo em vista as repercussões negativas na vida dos envolvidos). Há evidências que este fenômeno global atenta contra a saúde e integridade psicológica dos jovens, exercendo danos e traumas emocionais irreversíveis ou de difícil reversão, uma vez que as agressões podem permanecer *online* por longos períodos de tempo e podem ser consultadas a qualquer momento por qualquer pessoa. Dito de outra forma, em contraste com o *bullying* «face a face» em que a agressão acontece num contexto circunscrito pela presença física dos diferentes atores, o *cyberbullying* acontece no espaço virtual, ultrapassando as fronteiras do tempo, os limites do espaço pessoal e

físico.

Diversos estudos evidenciam que estes fenômenos estão relacionados aos problemas psicossociais contemporâneos, com consequências para a saúde pública e mental dos usuários. Os adolescentes vítimas, intimidados, são mais propensos a apresentarem dificuldades interpessoais, comportamentos depressivos, sentimentos de solidão, ansiedade, baixa autoestima, além de pensamentos ou tentativas de suicídio. É possível que os danos causados pelo *cyberbullying* possam ser maiores se comparados com os do *bullying* presencial, uma vez que o material do assédio pode ser visualizado indefinidamente, sem possibilidade para a vítima de interromper o processo. Neste sentido, é importante que a comunidade acadêmica se debruce sobre esta problemática. Convencidos de que para problemas globais, as soluções devem ser locais, os pesquisadores membros desta linha de pesquisa procuram identificar especificidades atreladas aos pertencimentos culturais dos jovens usuários das TICs e em particular às situações de *cyberbullying*.

Referências

- BARBOSA, A. et al. **Risks and safety on the internet:** Comparing Brazilian and European children. LSE, London: EU Kids Online, 2013.
- BAUDRILLARD, J. Televisão/revolução: o caso Romênia. In: PARENTE, A. (Org.). **Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. p. 147-154.
- BEN JELLOW, T. **Par le feu.** Paris: Gallimard, 2011.
- BERAN, T. N.; LI, Q. The relationship between cyberbullying and school bullying. **Journal of Student Wellbeing**, v. 1, n. 2, p. 15-33, 2007.
- BRANDÃO, C. R. Espaços públicos de lazer e cidadania. **Revista A paixão de aprender**, Porto Alegre, n. 6, 1994.
- COSTA FERNANDEZ, E.; DONARD, V. **O Psicólogo frente ao desafio tecnológico.** Novas Identidades, novos campos, novas práticas. Recife: Editora Universitária UFPE/ UNICAP, 2016, v.1. p.252.
- COSTA FERNANDEZ, E. NTIC: Globalização, democratização e diversidade cultural **O Psicólogo frente ao desafio tecnológico. Novas Identidades, novos campos,**

novas práticas. 1 ed. Recife : Editora Universitária UFPE/ UNICAP, 2016, v. 1, p. 17-36.

COSTA FERNANDEZ, E. Impacto das Novas Tecnologias da comunicação (NTC) na Subjetivação e Socialização de Adolescentes do Recife. **Cadernos Camilliani**, v.c14, p.107 - 121, 2013a.

COSTA FERNANDEZ E.; AMARAL, T. B.; VASCONCELOS, V. O uso de redes sociais e de jogos digitais on-line nas relações sociais de adolescentes. Resultados de um estudo exploratório na cidade do Recife. **Diálogos Possíveis**, v.12, p.48 - 74, 2013b.

COSTA FERNANDEZ E.; LESCARRET O. (Org.) **De la diversité linguistique aux pratiques interculturelles.** Paris: L'Harmattan, 2012.

DOANE, A. N.; PEARSON, M. R.; KELLEY, M. L. Predictors of cyberbullying perpetration among college students: An application of the Theory of Reasoned Action. **Computers in Human Behavior**, v. 36, p. 154-162, 2014.

DOOLEY, J. J.; PY ALSKI, J.; CROSS, D. Cyberbullying versus face-to-face bullying: A theoretical and conceptual review. **Journal of Psychology**, v. 217, n. 4, p. 182-188, 2009.

FRANCISCO, S. M. et al. Cyberbullying: The hidden side of college students. **Computers in Human Behavior**, v. 43, p. 167-182, 2015.

FREIRE, I.; VEIGA SIMÃO, A. M.; FERREIRA, A. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – Um questionário aferido para a população portuguesa. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 19, n. 2, p. 157-183, 2006.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

HAGEGE, C. **Contre la pensée unique.** Paris: Odile Jacob, 2012.

HINDUJA, S.; PATCHIN, J. W. Bullying, cyberbullying, and suicide. **Archives of Suicide Research**, v. 14, n. 3, p. 206 - 221, 2010.

HINDUJA, S.; PATCHIN, J. W. Offline consequences of online victimization: School violence and delinquency. **Journal of School Violence**, v. 6, n. 3, p. 89-112, 2007.

LÉVY, P. **O que é o virtual.** Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1997.

LIVINGSTONE, S.; ÓLAFSSON, K.; STAKSRUD, E. **Social networking, age and privacy.** LSE London: EU Kids Online, 2011.

MALLMANN, C. L.; LISBOA, C. S. M.; CALZA, T. Z. Cyberbullying e estratégias de coping em adolescentes do sul do Brasil. **Acta colombiana de Psicología**, v. 21, n. 1, p. 13-22, 2018.

MARKUS, H. R.; KITAYAMA, S. Culture and self: Implications for cognition, emotion, and motivation. **Psychological Review**, v. 98, n. 2, p. 224-253, 1991.

MARTINS, M. J. D. Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: um estudo empírico. **Análise Psicológica**, v. 4, n. 23, p. 401-425, 2005.

MARQUES, T. P.; MARQUES PINTO, A.; ALVAREZ, M. J. Estudo psicométrico da Escala de Avaliação dos Riscos e Oportunidades dos jovens utilizadores do Facebook. **Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación-e Avaliação Psicológica**, v. 1., n. 41, p. 145-158, 2016.

MASCARENHAS, S. A. N.; MARTINEZ, J. M. A. Ocorrência do bullying/cyberbullying como desrespeito à diversidade e à cidadania no contexto universitário amazônico. **Revista EDUCAmazônia**, v. 8, n. 1, p. 150-161, 2012.

MORAIS, J. F. R. **Estudos de filosofia da cultura**. São Paulo: Loyola, 1992.

ODORA, R. J.; MATOTI, S. N. The nature and prevalence of Cyber bullying behaviors among South African high school learners. **International Journal of Educational Sciences**, v. 10, n. 3, p. 399-409, 2015.

OLWEUS, D. **Bullying in school: What we know and what we can do**. Oxford: Blackwell, 1993.

OLWEUS, D. **Aggression in the schools: Bullies and whipping boys**. Washington, DC: Hemisphere, 1978.

ORTEGA, R. et al. The emotional impact of bullying and cyberbullying on victims: a European cross-national study. **Aggressive Behavior**, v. 38, n. 5, p. 342-356, 2012.

PARK, S. K.; KIM, J. Y.; CHO, C. B. Prevalence of Internet addiction and correlations with family factors Among South Korean adolescents. **Adolescence**, v. 43, n. 172, p. 895-909, 2008.

PINTO, R. G.; BRANCO, A. M. C. U. O bullying na perspectiva sociocultural construtivista. **Teoria e Prática da Educação**, v. 14, n. 3, p. 87-95, 2011.

RASKAUSKAS, J.; STOLTZ, A. D. Involvement in traditional and electronic bullying among adolescents. **Developmental Psychology**, v. 43, n. 3, p. 564-575, 2007.

RIEBEL, J.; JÄGER, R. S.; FISCHER, U. C. Cyberbullying in Germany – an exploration of prevalence, overlapping with real life bullying and coping strategies. **Psychology Science Quarterly**, v. 51, n. 3, p. 298-314, 2009.

SERRES, M. **Hermès V: le passage du Nord-ouest**. Paris: Éditions de Minuit, 1980.

SLONJE, R.; SMITH, P. K. Cyberbullying: Another main type of bullying? **Scandinavian Journal of Psychology**, v. 49, n. 2, p. 147-154, 2008.

SLONJE, R.; SMITH, P. K.; FRISÉN, A. The nature of cyberbullying, and strategies for prevention. **Computers in Human Behavior**, v. 29, n. 1, p. 26-32, 2012a.

SLONJE, R.; SMITH, P. K.; FRISÉN, A. Processes of cyberbullying, and feelings of remorse by bullies: A pilot study. **European Journal of Developmental Psychology**, v. 9, n. 2, p. 244-259, 2012b.

SMIT, D. M. Cyberbullying in South African and American schools: A legal comparative study. **South African Journal of Education**, v. 35, n. 2, p. 01-11, 2015.

SMITH, P. K.; BRAIN, P. Bullying in schools: Lessons from two decades of research.

Aggressive behavior, v. 26, p. 1-9, 2000.

SOUZA, S. B.; VEIGA SIMÃO, A. M.; CAETANO, A. P. Cyberbullying: Percepções acerca do Fenômeno e das Estratégias de Enfrentamento. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 27, n.3, p. 582-590, 2014.

SOUZA, S. B. **Cyberbullying**: a violência virtu@l conectada ao mundo real dos estudantes em contextos universitários do Brasil e Portugal. Tese de Doutorado. Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2016.

TISSERON, S. **Virtuel mon amour**. Paris: Albin Michel, 2008.

TOGNETTA, L. R. P; BOZZA, T. L. Cyberbullying: um estudo sobre a incidência do desrespeito no ciberespaço e suas relações com as representações que adolescentes têm de si. **Nuances**, v. 23, n. 24, p. 164-180, 2012.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. **School Violence and Bullying**: Global Status Report. Paris, França: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2017.

VIROLE, B.; RADILLO, A. **Cyberpsychologie**. Paris: Dunod, 2010.

WASELFISZ, J. J. **Revertendo violências, semeando futuros**: avaliação de impacto do Programa Abrindo Espaços no Rio de Janeiro e em Pernambuco. Brasília: UNESCO, 2003.

WILLARD, N. E. The authority and responsibility of school officials in responding to cyberbullying. **Journal of Adolescent Health**, v. 41, n. 6, p. 64-65, 2007.

WRIGHT, M. F. The Role of Technologies, Behaviors, Gender, and Gender Stereotype Traits in Adolescents' Cyber Aggression. **Journal of Interpersonal Violence**, p. 1-20, 2017.

Recebido em 29/05/2018
Aprovado em 18/07/2018